A utopia do corpo indisciplinado (2018)

Michel de Paula Soares

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/8586>

DOI: 10.4000/pontourbe.8586

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Michel de Paula Soares, « A utopia do corpo indisciplinado (2018) », *Ponto Urbe* [Online], 26 | 2020, posto online no dia 28 julho 2020, consultado o 05 agosto 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/8586> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.8586>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 agosto 2020.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

A utopia do corpo indisciplinado (2018)

Michel de Paula Soares

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 24/04/2020

Aceitação / Accepted 12/06/2020

Este media não pode ser visualizado aqui. Consulte a edição em linha <http://journals.openedition.org/pontourbe/8586>

- 1
- 2 Filme selecionado para a Mostra Audiovisual da XIII Reunião de Antropologia do Mercosul, Porto Alegre/RS, 2019. Apresenta, de forma poética e experimental, narrativas viscerais sobre a linguagem corporal do boxe, a partir da Forja dos Campeões, maior competição de boxe da América Latina. O torneio acontece anualmente desde 1941, sempre no Estado de São Paulo, sendo organizado pela FPB (Federação Paulista de Boxe). Os atletas mais conhecidos do boxe brasileiro passaram pelo campeonato, como Eder Jofre, em 1953, Servílio de Oliveira, em 1966, Miguel de Oliveira, em 1975, Maguila, em 1980, Acelino Popó em 1996 e mais recentemente, o medalhista olímpico Esquiva Falcão, em 2006. Entre fevereiro e março de 2018, com dois encontros por semana, às segundas e quintas, a competição aconteceu no Clube Pinheiros, tradicional sede da elite paulistana.
- 3 A competição abarca a condição, pouco ou quase nada presente na rotina do treinamento, do boxe como espetáculo. Nem todo praticante que se apresenta como comprometido, habilidoso e eficaz durante a rotina dos treinamentos consegue vencer em um torneio, e o filme evidencia, principalmente, a reação dos perdedores. Entre o corpo fabricado na academia e o corpo exibido nessa situação há um vão que precisa ser atravessado pelo boxeador que se pretende vencedor. Observar apenas uma das duas situações significa perder de vista as complexas mutações do corpo que ocorrem entre

o cotidiano do treinamento e o fantástico do ringue de competição. Comparando as perspectivas de Mauss (2003) e Merleau-Ponty (1994), o antropólogo francês Jérôme Beauchez (2010) defende que a experiência de boxear em um ringue é um terreno ideal para se pensar a articulação entre o corpo-sujeito e o corpo-objeto. Ou seja, é no momento do combate competitivo que o boxeador deve justapor o corpo enquanto construção social – aquele que é sempre um subconjunto de um corpo social – com o corpo enquanto construtor social, gerador de conhecimento e de ação sobre o mundo.

- 4 A Forja dos Campeões, evento tradicional e prestigiado de uma prática historicamente estereotipada e continuamente racializada, altera, mesmo que contingencialmente, a dinâmica de circulação de corpos no Clube Pinheiros, assim como em seu entorno, configurado, em seu cotidiano, por uma classe média-alta hegemonicamente branca. Um evento-território, portanto, refletindo tensões e contradições estruturantes das relações de classe e raça. O corpo boxeador “não cria enfrentamentos, nem redige manifestos, mas se organiza, dá testemunho de sua diferença” (Pinho, 1999, p.274) e cria, em cada disputa realizada dentro do ringue, uma pequena revanche contra os essencialismos a que estão expostos.
- 5 O pugilismo é uma técnica corporal que instaura padrões de relação imanentes, onde as perspectivas de cada participante, ainda que precárias, se suplementam umas às outras gerando possibilidades sempre inéditas de combinação e efeito. São ordenações que operam silenciosamente, através do cotidiano, por isso pouco perceptíveis a um olhar de fora. Exatamente por ser uma prática coletiva, o boxe é um território de entrega e confiança, não nos fins, mas nos meios.

BIBLIOGRAFIA

- BEAUCHEZ, Jérôme. "Quand les boxeurs "mettent les gants": le sparring et les limites de l'institution du combattant". In: Ethnographiques.org, n.20. 2010.
- MAUSS, Marcel. "As técnicas do corpo". Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes. 1994.
- PINHO, Osmundo. "Espaço, Poder e Relações Raciais: O Caso do Centro Histórico de Salvador". In: Revista Afro-Ásia, 1999.

AUTOR

MICHEL DE PAULA SOARES

Cientista social, mestre e doutorando em Antropologia pela Universidade de São Paulo. Membro pesquisador do NAU, Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo, com pesquisas realizadas nas áreas do lazer, práticas culturais, cidades, patrimônio e performances corporais. Atua como produtor artístico, audiovisual, músico e compositor desde 2006. E-mail: michelcantor@gmail.com